

# ECOS

## da Academia de Saberes



---

Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

---

Ano V - Nº 2 Abril 2011

Nesta Edição

*Em Foco*

- Saber Cuidar
- Páginas Literárias
- A Hora do Conto





## Ficha Técnica

*Ecoss da Academia de Saberes*  
Academia de Saberes de Aveiro

### Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

### Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M<sup>a</sup> Cacilda Marado

### Colaboradores desta edição

Aida Viegas  
Amorim Figueiredo  
Anne Bartlett  
Conceição Neiva  
Domingos Cardoso  
Ermelinda Damas  
Eugénia Reis  
Graciete Manangão  
Isabel Maria Almeida  
José Carreto Lages  
José Manuel Cachim  
Lindonor Silveirinha  
Manuela Salgueiro  
Maria Cacilda Marado  
Maria Celeste Salgueiro  
Maria Conceição Lages  
Maria Esmeralda Assunção  
Maria Helena Fidalgo  
Maria José Sampaio  
Rosinda de Oliveira

## Editorial

Um período de aulas longo, muitas visitas de estudo, palestras, actuações, em suma, muitas actividades que mostram bem o vigor da nossa Academia. Efectivamente, à medida que os anos vão passando, é bem notória a procura da nossa instituição pelas pessoas que querem continuar a sentir-se vivas.

Assim, as minhas primeiras palavras são para a Direcção que tão bem governa este barco. Pelo cuidado que põe nos seus trabalhos, pelo esforço de agradar a todos (e já somos muitos!), pela equidade que denota na sua actuação, uma palavra de muito apreço.

Depois, um carinho especial a todos aqueles que têm a compreensão de aceitar que não há ninguém que seja perfeito e que, por isso, dão o seu contributo na construção da concórdia.

Por último, apelar a que todos demos as mãos para que a nossa Academia valha sobretudo pela união que promove, pela liberdade que respeita, pela atenção ao outro que põe em prática. E tudo isto desinteressadamente, com simplicidade, numa atitude de serviço a si e aos outros.

*Maria Cacilda Marado*

## Notícias da Academia

### Cigarras e Formigas

Convívio, diversão, alargamento de conhecimentos, tudo isto nós buscamos quando nos inscrevemos numa viagem da Academia. A ordem é arbitrária, cada um organiza uma lista de prioridades de acordo com o seu próprio conceito de cultura. As formiguinhas, por exemplo, identificam cultura apenas com erudição, intelectualidade, vão diligentemente em busca da arca dos saberes perdidos, fazem perguntas pertinentes e impertinentes, põem cara séria, tiram complicadíssimas notas que guardam nos subterrâneos da memória. Empanturram-se mas nem sempre digerem. As cigarras, pelo contrário, entendem que cultura é tudo aquilo que dá sentido ao mundo que as rodeia. Por isso, desfrutam as várias facetas de uma viagem: convívio, aprendizagem, gastronomia, gozando os aparentes nadas que condimentam a felicidade.

Eu sou mais como as cigarras, não me seduz Sua Excelência a Cultura encarrapitada numa cátedra, sem humor nem calor. Eis o motivo pelo qual sempre me inscrevo com muito agrado nos passeios organizados pela área de Comunicação e liderados pela formadora Maria Cacilda. Sei que posso apreciar as facetas históricas, ou artísticas, ou literárias, ou até científicas da visita, mas, acima de tudo, partilhar refeições, conversas e boa disposição. Mesmo em Braga, cidade dos austeros arcebispos. Mesmo em Tibães, mosteiro de espaços frios, vazios, sombreados pelos mistérios da reclusão. Lá estivemos em 25 de Janeiro último. Lá escutámos algumas interessantes histórias da História de Bracara Augusta, contadas pela doutora Filomena Alte da Veiga. Conosco trouxemos a satisfação de um dia bem passado. Além das famosas frigideiras, claro. E da reportagem fotográfica do colega Domingos, *para mais tarde recordarmos*.

Não penso que seja negativa a aparente leveza cultural das cigarras, a sua propensão para o canto laudatório da vida. Com alguma frequência a excessiva carga do saber acumulado pelas formiguinhas provoca uma espécie de anemia mental, ou seja, inoportunas *brancas*, embaraçosas confusões. E, ao contrário do que acontece na fábula de La Fontaine, as cigarras nem precisam de ir bater à porta dos formigueiros, pedinchando alimento. Intelectual, neste caso. Se necessário for, desenrascam-se sozinhas. Há bibliotecas. Há a *Internet*.

*Helena*





## Conversas na Academia

Iniciámos mais esta rubrica na Academia, como actividade livre, no passado dia 9 de Fevereiro.

Essa primeira sessão teve, como finalidade, estabelecer o horário para este ano e combinar como se irão desenvolver as próximas sessões para que todos os presentes participem livremente.

Assim, assentou-se que haverá, em princípio, um tema sugerido na sessão anterior e que ficará a cargo de quem se oferecer para o efeito. Será apenas o ponto de partida que se desenvolverá ao sabor do momento.

Na segunda sessão, no passado dia 24 de Janeiro, como tinha sido combinado anteriormente, falou-se de “Conversa”. O tema proposto e desenvolvido pela colega Maria Esmeralda Assunção, que começou por falar das suas vivências, passou pela leitura de poemas, citação de passagens de filmes, enfim o que veio “a talhe de foice” dos participantes.

No dia 31 de Março, iremos juntar-nos outra vez para falar de “Felicidade”. A colega Graciete Manangão lançará o tema, que será depois desenvolvido a bel-prazer dos participantes.

Quem não tem ideias sobre a felicidade, se afinal é o que todos procuramos?...

*Ermelinda Damas  
Eugénia Reis  
Lindonor Silveirinha  
Maria Esmeralda Assunção*

## Trabalho de casa

### *O Livro*

Numa 3ª feira de Janeiro último, fomos convidados a ouvir contar uma história, por quem a sabia contar. Era a história do livro.

O protagonista é o Homem, maravilhado com um mundo ainda bem novo.

Olhava à sua volta e só via uma natureza exuberante que o enchia de coragem e admiração. Era preciso contar, exteriorizar o que lhe enchia a alma. Começou pelas paredes da sua própria caverna e gravou nelas as imagens e as emoções do momento. E nunca mais parou.

À pedra, seguiram-se os troncos das árvores, os metais, o papiro e as peles dos animais, que transformava em pergaminho e velino. O escopro e o martelo deram lugar ao “stylus”, ao cálamo e à pena.

Os escribas ao serviço do poder, os sacerdotes e os copistas não tinham mãos a medir para dar a

conhecer todo o tipo de textos. Na solidão dos conventos, os monges deram lições de paciência e sacrifício, sentados, horas seguidas, em frente de estantes inclinadas.

Escrevia-se para tudo: para consolidar o poder estabelecido, para o serviço litúrgico, para a preservação da memória colectiva, para alimentar a biblioteca do mosteiro, para entretenimento, para a classe culta, para o ensino. Nos “scriptoria” monásticos, no silêncio conventual, foi preservada grande parte da cultura da Antiguidade.

Com a ascensão da burguesia, apareceram as bibliotecas particulares e os livros são também verdadeiras obras de arte. As iluminuras, que ornamentavam, essencialmente, as iniciais dos capítulos, identificavam-se com autênticas pinturas. O tema desses desenhos coloridos era, ao princípio, de carácter religioso mas, mais tarde, torna-se naturalista. O iluminador adora a narrativa e as histórias, que nos chegam naquelas imagens, falamos muito do mundo dessa época.

Com o advento das universidades, o público torna-se mais vasto. É preciso estudar, informar, evoluir.

A pasta de papel, já no primeiro século da era de Cristo, fabricada pelos chineses com fibras de amoreira e de bambu, tinha, há muito, rumado ao ocidente. Os processos de transformação dessa pasta foram-se sucedendo e, finalmente, surge o papel. Estava encontrada a matéria-prima.

Com Gutenberg, impressor alemão dos séculos XIV/XV, aparece a primeira tentativa de composição por caracteres móveis, a tipografia. A partir daí, nada mais parou na história do livro.

Protegido por luxuosas encadernações ou simplesmente um punhado de folhas cosidas com cordel, o livro nunca mais deixou de fazer parte das nossas vidas. Com as novas tecnologias, o livro adquire contornos de muita modernidade e a sua história promete continuar.

Em linhas muito gerais, foi o que ouvimos nessa tarde de Janeiro.

Gratos à Dra. Graça Pericão, que nos veio contar esta história.

### *Os Livros*

Há muito que alimentamos a ideia de criar uma pequena biblioteca na nossa Academia. Aos poucos, fomos juntando os livros que nos foram sendo oferecidos por várias entidades, por particulares, por alguns sócios e pelos escritores da casa.

Mandámos fazer um armário. Segundo um critério a que chamámos “básico”, comprámos também alguns exemplares. No computador, preenchemos





uma ficha para cada livro. Mandámos imprimir um livrinho para as requisições. Neste momento, estamos a tentar ordenar tudo nas prateleiras.

Num texto pequeno que colocámos na parede, junto ao armário, tentámos definir o que pensamos poderia ser a nossa biblioteca. Leram? Ler é um dos prazeres da vida e uma Academia de Saberes tem de acarinhar e fomentar o gosto pela leitura.

Ajudem-nos a construir uma biblioteca de que nos possamos orgulhar. Estamos abertos a todas as sugestões.

LEIAM!

*Esmeralda*

## Conferência sobre “O percurso do documento e do livro”



No passado dia 18 de Janeiro do corrente ano, realizou-se nesta Academia uma conferência subordinada ao tema “O Percurso do Documento e do Livro”, orientada pela Dr.<sup>a</sup> Graça Pericão, da Universidade de Coimbra.

Importa referir que, durante vários anos, a Professora Graça Pericão trabalhou em áreas relacionadas com a História do Livro e a Restauração de Livros. Tem várias obras publicadas, nomeadamente, um “Dicionário do Livro e da Escrita”.

Começou por salientar a necessidade primária de comunicar. Primeiro, a comunicação oral, depois a comunicação escrita.

Em traços gerais, mas de forma clara e sucinta, falou da evolução do texto escrito e das variadas técnicas de escrita, até à descoberta de Gutenberg. Foi através dos três reinos da Natureza, (animal, mineral e vegetal), que o homem foi buscar os suportes para a escrita. De início, o homem

começou por gravar os caracteres na pedra (arte pictórica), em placas de argila. O primeiro alfabeto conhecido foi encontrado na zona dos rios Tigre e Eufrates. Era uma escrita cuneiforme.

Mais tarde, utilizam-se placas de folhas de árvores e de madeira dando origem ao manuscrito. Depois, aparecem os documentos escritos em folhas de pele de carneiro ou de cabra. São os “pergaminhos”, que eram religiosamente guardados em ânforas de barro. Aparece depois o “códice” que é um antepassado do caderno e do livro.

As pessoas mais cultas eram das classes sacerdotais. Por isso, só elas é que escreviam e produziam documentos. Escreviam obras religiosas, históricas e legislativas.

Foi graças aos “copistas” medievais, muitas vezes anónimos, trabalhando longa e arduamente no silêncio dos conventos, que tivemos acesso a muitos dos documentos que nos deixaram, testemunhos preciosos que legaram a toda a humanidade.

Os manuscritos eram quase sempre ilustrados, porque a imagem era necessária para quem não sabia ler. Escrevia-se sobretudo para o culto religioso: livros de orações, breviários, missários, Bíblias...

A escrita antiga não era cursiva, mas sim desenhada, o que exigia muita precisão e concentração.

O livro foi, desde sempre, muito apreciado. Era considerado um objecto valioso. Por isso, os livros eram guardados com correntes, nos armários das bibliotecas.

Com a descoberta de Gutenberg, no século XV, surge uma revolução na escrita. Os caracteres móveis produzem o livro impresso e permitem a fixação do texto. Os livros passam a ser mais baratos e acessíveis a todos.

*G. Manangão*

## Actividades Pedestres

Muita gente não gosta de caminhar no Inverno, tem medo do frio ou da chuva! Por isto, só tivemos cinco participantes nos últimos meses - sempre pessoas diferentes. Mas tivemos sorte com o tempo! Em Dezembro, conseguimos realizar a visita adiada ao Parque Biológico de Gaia. Estava muito frio, mas não choveu e o percurso foi, como sempre, muito interessante. O almoço foi no *self-service* do Parque.

Em Janeiro, fomos ver a praia e o mar, caminhando da Costa Nova até à Barra. No dia anterior e no dia





seguinte, o tempo não estava nada agradável, mas neste dia havia sol e tirámos todos os casacos e até algumas camisolas! O almoço no *Nuvens de Areia*, perto do farol, foi bom e barato.

A visita seguinte foi ao Porto para ver as camélias no Jardim Botânico, onde também há cactos de grandes dimensões. Depois, vimos mais camélias nos jardins da Quinta da Macieirinha. No museu da *Casa Tait*, visitámos uma pequena exposição de brinquedos antigos. Foi uma surpresa agradável! Depois, fomos até aos jardins do Palácio de Cristal (mais camélias!) onde almoçámos. Mas, por essa altura, a nossa sorte já foi pouca, porque as nuvens não nos deixaram apreciar tanto a vista sobre o lago. Tivemos tempo para uma visita ao Museu Romântico antes da chuva. Mas ainda correu bem, porque a Manuela, de manhã, não conseguiu chegar a tempo para apanhar o comboio para o Porto e teve de ir no seu carro, e nós, sendo só cinco pessoas, entrámos no carro e voltámos para Aveiro sem ter de caminhar à chuva!

A última caminhada foi só dentro da cidade, na zona de Agrados do Norte. Nem estava frio nem chuva e foi bom observar que ainda há campo à porta da cidade. Até descobrimos um café-restaurante perto da estação, barato, para almoçar no fim da caminhada.

Estamos à espera de que haja tempo bom para caminhar nos próximos meses. Há sempre muito convívio e boa companhia. Qualquer sócio é bem-vindo! Esteja atento aos *e-mails* e aos quadros na Academia!

Anne

## English Club

O clube de inglês funciona nas tardes das terceiras sextas-feiras de cada mês. Qualquer sócio interessado na língua inglesa é bem-vindo, não é necessário ser aluno de inglês.

Em Janeiro, houve um desafio - Fazer "English orange marmelade". Houve sete participantes e todos provámos os *marmelades* e ficámos espantados com as variedades de sabor e de textura.

Em Fevereiro, jogámos *scrabble* - em inglês, claro!

Muitas vezes, tomamos um chá com bolachas - este é um hábito muito vulgar na Inglaterra quando há encontros à tarde.

Anne

## Visita de estudo a Miranda do Douro

(22 - 23 de Março de 2011)



P'ra Miranda do Douro em Trás-os-Montes  
Partimos de Aveiro em manhã fria.  
Vimos ao longe, penhascos e fontes,  
A natureza rude em harmonia.

O nosso Portugal é um encanto  
Do verde Norte ao árido Sul.  
Deixa nossa alma a vibrar de espanto  
P'la luz, p'la cor, p'lo sol e céu azul.

E foram-se estendendo ao nosso olhar  
Aldeias encravadas nas alturas,  
Paisagens lindas que queremos gravar  
Na memória enorme de lonjuras.

Gente franca, humana, hospitaleira,  
Formada da rudeza desses campos,  
Irá perdurar p'ra vida inteira  
E encheu nossa alma de encantos.

A nossa língua é nobre e tem beleza  
Desde o remoto arcaico a Camões,  
A Eça, a Pessoa e de certeza  
No mirandês, também há emoções.

Tivemos todos nós lições de vida  
E de bem entender o Português.  
E viemos lá de longe, de Miranda,  
Com o coração, a falar mirandês...!

Manuela Salgueiro





## Eu não fui a Miranda

Queria ter ido a Miranda  
E entender o mirandês  
Ver o Douro desta banda  
Sentir-me mais português

Do outro lado vi a Espanha  
E um abraço lhe quis dar  
Mas que coisa tão estranha  
Tão perto e sem lhe chegar

Olhei o céu nublado  
Pedi a Deus um desejo  
De Miranda pr'o outro lado  
Entrega-lhe este meu beijo

Sendo eu da Beira-Mar  
Terra de marinheiros  
Eu quero assim saudar  
A Miranda dos Pauliteiros

*Cachim*



## Saber cuidar: do humano à protecção da natureza

### Natureza viva com árvore

É nas entrelinhas da luz  
que a árvore escreve  
as sílabas verdes do seu poema.

\*

Quando o luar se recolhe  
as pernas estremecem  
num sussurrar de folhas  
que excita a garganta dos pássaros.

\*

Debruçadas nos seus galhos  
as flores abrem lábios cetinosos  
sorriem de longe  
oferecendo-se à cupidez da abelha.

\*

De pálpebras descidas  
a árvore ajeita a sua sombra  
suspende-a como frase musical  
no silêncio da tarde.

\*

*Bendita seja a larva  
que clandestinamente cresce  
no ventre do teu fruto,  
cicia a brisa  
embalando o ramo.*

\*

O vento em orgia.  
No final  
apenas duas folhas  
enrubescidas de pudor  
resguardam a nudez da árvore.

\*

Fundo a chuva desce  
ao âmago do segredo  
esse dueto de amor  
entre a raiz e o coração da terra.

*Helena*





## Flores

Flores...  
 que abrem!  
 Flores...  
 que em cachos  
 me comovem!  
 Flores fortes  
 quentes!  
 Flores que choram,  
 com os seus cachos pendentes!  
 Flores que abrem  
 assustadas!  
 Flores felizes  
 e encantadas,  
 com o constante chilrear,  
 de tanta passarada!  
 Flores húmidas  
 no arvoredado nascidas!  
 Flores imaculadas  
 como a brancura da neve,  
 que as rodeia  
 e pelo Astro-Rei aquecidas!  
 Flores...  
 que choram e sofrem,  
 quase sem alento,  
 como as lágrimas,  
 que choro  
 aqui  
 pelo meu rosto caídas,  
 que são o meu pranto!  
 Flores...  
 Flores...

*M. Lages*

## Cuidar das tradições

Saber cuidar das manifestações culturais é uma atitude dos habitantes da ilha Terceira que, no Carnaval, continuam a mostrar-se nas famosas danças de espada e de pandeiro, uma forma muito *sui generis* de fazer crítica social. Cada vez mais exigente, o público não arreda pé dos salões das juntas de freguesia ou do teatro angrense, aguardando a chegada e o desempenho dos diferentes grupos.

Este ano, foram à volta de sessenta as danças que foram deambulando, em carrinhas, pelos diferentes locais e que brilharam com os meneios, as canções, a música instrumental e as artes dramáticas. Com um ritual muito próprio – marcha de abertura, moda de apresentação ou

saudação, moda de apresentação do assunto e coro, moda de despedida e marcha final – os bailinhos de Carnaval continuam a encantar não só o público, que cada vez é maior, mas os próprios actores que vivem apaixonadamente os papéis que encarnam.

A ilha Terceira é conhecida pela alegria dos seus habitantes que, diz-se, andam sempre em festa. E, no Carnaval, assim acontece. Efectivamente, com muito prazer, de sábado até à segunda-feira de Carnaval, há quem não deixe os salões à espera do lançamento do foguete que anuncia a chegada do grupo que vai actuar. Ao lado, vão-se servindo iguarias e bebidas que animam de um outro modo.

Creemos que a maneira de ser, de estar, e de preservar as tradições culturais vai perpetuar-se, tendo em conta a qualidade de muitas danças, bem como a participação dos jovens que germinam e crescem neste ambiente.

Manter as tradições, cultivar a alegria e o convívio, aprimorar desempenhos e reverenciar a arte é uma excelente forma de **cuidar**.

*Maria Cacilda Marado*

## Prenúncio de Primavera

As aves do meu quintal  
 Hoje não há quem as cale  
 Cheirou-lhes a Primavera,  
 A flores, a rosmaninho.  
 E, apressadas, ligeiras  
 Já querem fazer seu ninho  
 Esvoaçam ao sol brilhante  
 Cantando a todo o instante  
 Hinos de amor e carinho.  
 E foram dizer a todas  
 As aves da vizinhança  
 Que é começada a festança  
 Que vão dar início às bodas.  
 É que o dia se alongou...  
 O vento já se amainou  
 E a terra engalanada  
 Toda de verde pintada  
 Em flor desabrochou  
 Em reluzente alvorada.  
 Ao homem, maternalmente  
 Com candura e singeleza  
 Lembra-lhe que é urgente  
 Respeitar a natureza.

*Aida Viegas*





# Páginas Literárias

## S. Gonçalves *on line*

### As coisas belas

Deixem-me gostar...  
 Das coisas belas da vida!  
 Elas serão minha pertença  
 Porque as amo  
 As admiro  
 Dentro de mim terão guarida!...

Belas são as coisas...  
 O fantástico da Natureza!  
 O manto de neve na montanha  
 As paisagens outonais  
 O brilho do sol ao raiar  
 As flores com toda a sua beleza!...

Deixem-me amar...  
 O meu pequeno jardim!  
 O canto dos passarinhos  
 As águas cristalinas dos rios  
 O verde da floresta  
 Os belos poentes sobre o mar!...

As coisas que quero amar...  
 O azul do céu!  
 O dourado das estrelas  
 As belas cores do arco-íris  
 O luar nas noites quentes de verão  
 O maravilhoso do mar!...

Deixem-me apreciar...  
 A amizade entre as pessoas!  
 A paz entre os povos  
 O afecto que alimenta a vida  
 A partilha de um gesto  
 O apoio que nos faz tranquilizar!

Deixem-me continuar a gostar...  
 Do sorriso das crianças!  
 Da lealdade, da simplicidade, da alegria  
 Do amor incondicional, da verdade  
 Essas coisas tão belas  
 Que comigo irão ficar!...

*Isabel Maria*

S. Gonçalves  
 Inscreveu-se  
 Cá na nossa  
 Academia.  
 Anda em Línguas,  
 Informática,  
 Bandolim  
 E Filosofia.  
 Já fala Inglês  
 (*Of course*)  
 E Espanhol  
 (*Per supuesto*)  
 E pró despacho  
 Das preces,  
 Que lhe dão  
 Muito trabalho  
 E lhe pesam  
 No andar,  
 Comprou  
 Um computador.

Por isso,  
 Quando quiserem  
 Pedir coisas  
 Ao santinho,  
 Não ajoelhem:  
 Cliquem!  
 Poupem  
 O S.Gonçalves!

Se clicarem  
 Com Fé  
 Vai a prece  
 De mansinho  
 E depressa,  
 Bem depressa  
 É atendida  
 A promessa.

Está velhote  
 O nosso santo.  
 Cavacas  
 E orações  
 Feitas  
 À moda antiga  
 Causam-lhe  
 Um *stress*  
 Enorme.  
 Anotem  
 O endereço!

[goncalinho@gmail.com](mailto:goncalinho@gmail.com)





## Nuvens

As nuvens aparecem e desaparecem. São, por natureza, nómadas. Algumas são fugazes e brejeiras, basta que uma aragem lhes sobre com maior intimidade, para se porem ao fresco, na sua insatisfeita curiosidade.

Outras, demoram-se mais tempo e tecem jogos e projectos entre si. Se os ventos as abandonam à sua quietude, ficam dormentes e silenciosas, tecendo presságios, comunicando segredinhos no enchimento dos seus depósitos de vários tipos de água, de neve ou granizo ou ensaiando exercícios de épicos cenários.

E quando as brincadeiras dão para o torto, constroem cerros e castelos, na previsão de tumultos e de guerras, em que não faltam mudanças de estratégia, simulações, emboscadas, e encarniçados confrontos de que resultam violentas enxurradas e granizadas, capazes de ensopar securas de muitos anos.

Com o envolvimento mais intenso, repetidos ziguezagues

de curto-circuitos soltam esguichadas faíscas de fogo rabeado.

Passada a tormenta, aparecem esquivas, espraiando-se nos ares com ingénua flocos ou insinuantes aproximações, desenhando anjos rechonchudos, em efabulações atrevidas, de ousado erotismo ou pincelando, com policromos favores do sol, a tela do universo, com caprichosas pinturas que vão do mais afectado impressionismo ao tonto surrealismo, da geometria facetada do cubismo ao mais inimaginável abstraccionismo.

Há ocasiões em que as nuvens são generosas e altruístas; desfazem-se na macieza da neve com que cobrem montes e vales de um purificador e frio manto branco. Outras vezes, quando o Sol caprichoso ou distraído cria o risco de queimar o velho Planeta, as nuvens, em gesto solidário, estendem suavemente nas alturas o seu espesso manto cinzento ou enviam copiosos e refrescantes aguaceiros, para reparar feridas e repor a vida.

Ciúmes também os há nas nuvens. Ciúmes ensandecidos que lhes fazem perder a costumada racionalidade. Quando a dor da suspeita de traição as acomete, as rivais jogam-se e envolvem-se com encarniçada crueldade, do que frequentemente resultam cenas de bravo azedume, muito negro e longo, capaz de intimidar os espectadores mais afoitos. Roncos de ensurdecer, repetidos nos cumes dos montes, até

muito longe, até aos confins, fazem adivinhar que a refrega vai deixar feridas e sequelas para as contendoras e de sobrar para mais alguém. E se a zanga acontece a altas horas da noite, como as testemunhas terão dificuldade em destrinçar culpas e imputabilidades da autoria das ilicitudes ocorridas, as agressões tornam-se mais tenazes e violentas. Então, até as estrelas fecham a sua luz cintilante e, alheadas, recolhem enfadadas à tranquila imobilidade da sua hermética concha.

Só de madrugada, as nuvens, esfarrapadas e exaustas da borrasca, altivas ou humilhadas, celebram o armistício, com o curvilíneo cenário de um sol radioso a encher o horizonte, com alguns ténues flocos de dormente mansidão a apascentarem-se, como cordeiros, no prado das alturas. E, quando reconfortadas com o repasto, de barriguinha cheia, partem à procura de novos tectos em novos mundos.

*J. Carreto Lages*

## Saudades da Arrábida

Eu deixei-te serra querida  
Porque assim teve de ser  
Mas ficaram os meus sonhos  
De menina e de mulher

Nunca mais voltei a ter  
As emoções mais sentidas  
Que nunca pude viver  
Por tanto serem contidas

Quando a saudade me aperta  
Lá vou rimando um versinho  
Faz-me sofrer a marota  
Mas desabafo baixinho

Tanto eu me controlei  
Por ser moça de juízo  
Que nunca mais encontrei  
Alegria num sorriso

As minhas cinzas para ti  
Eu gostaria de dar  
Nessa altura já é tarde  
Para eu as enviar!

*M. A.*





## O que é a Felicidade?

Há muitos séculos atrás que o tema da felicidade foi alvo de profunda reflexão. Não só por parte de filósofos como também de poetas, escritores, leigos e religiosos anónimos.

A felicidade e a infelicidade fazem parte da vida do homem. Várias correntes filosóficas e religiões apresentam diferentes definições da felicidade e propõem, por vezes, os caminhos ou estratégias para que o homem consiga ser feliz.

Vejamos, muito sucintamente, algumas dessas concepções, sob o ponto de vista das doutrinas morais e filosóficas mais conhecidas:

Para os adeptos do epicurismo, corrente filosófica oposta ao estoicismo, a felicidade reduz-se ao prazer, à ausência de dor. Tudo quanto possa dar prazer ao homem, poderá ser fonte de felicidade. Mas não se trata apenas dos gozos materiais. O prazer deverá passar pela virtude.

Para Epicuro, (341-240 a.C.) a felicidade estava na cultura do espírito e na prática da virtude.

De modo semelhante, o hedonismo considera o prazer como o supremo fim da vida. Considera-se que a moral de Epicuro, é uma forma de hedonismo.

Para o estoicismo, corrente filosófica fundada por Zenão, filósofo grego do século V a.C., a felicidade consiste na paz e na tranquilidade da alma, isto é, o estado de “ataraxia”. O caminho que leva à ataraxia é o desapego aos bens materiais, ser independente do mundo exterior. Para se ser feliz, deve-se aceitar o nosso destino.

O budismo, religião oriental fundada por Buda, (653-485 a.C.), preconiza que para se ser feliz, é necessário ter consciência de si mesmo. Para alcançar a sabedoria e uma vida feliz é fundamental estar consciente. O budismo é luta, não é resignação. Os budistas dizem que somos o que pensamos e uma mente dominada conduz à felicidade.

Os budistas distinguem uma felicidade condicionada de uma felicidade absoluta. A felicidade relativa tem a ver com a experiência e a felicidade absoluta com a própria pessoa que realiza as experiências.

Na perspectiva do cristianismo, a verdadeira felicidade está na felicidade eterna. O homem deve lutar pela sua salvação, através do amor a Cristo e aos seus semelhantes. A felicidade eterna será o prémio para os que praticaram o bem e amaram o próximo.

GM

## “Ser Feliz”, segundo Fernando Pessoa

(Extracto de um texto poético)

“...Gostaria que você se lembrasse  
De que ser feliz não é ter um céu sem tempestade  
Caminhos sem acidentes, trabalhos sem fadigas,  
Relacionamentos sem desilusões.  
Ser feliz é encontrar  
Força no perdão, esperança nas batalhas  
Segurança no palco do medo, amor nos  
desencontros  
Ser feliz não é apenas valorizar o sorriso  
Mas reflectir sobre a tristeza.  
Não é apenas comemorar o sucesso,  
Mas aprender lições nos fracassos.  
Não é apenas ter júbilo nos aplausos,  
Mas encontrar alegria no anonimato.  
Ser feliz é reconhecer  
Que vale a pena viver,  
Apesar de todos os desafios,  
Incompreensões e períodos de crise.  
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas  
E se tornar um autor da própria história  
É atravessar desertos fora de si,  
Mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito  
da sua alma.  
É agradecer a Deus a cada manhã  
Pelo milagre da vida.  
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos  
É saber falar de si mesmo.  
É ter coragem para ouvir um não.  
É ter segurança para receber uma crítica, mesmo  
que injusta.  
Ser feliz é deixar viver a criança livre, alegre e  
simples  
Que mora dentro de cada um de nós.  
É ter maturidade para falar “eu erre”  
É ter ousadia para dizer “me perdoe”  
É ter sensibilidade para expressar “eu preciso de  
você”  
É ter capacidade de dizer “eu te amo”

Desejo que a vida se torne um canteiro de  
oportunidades

Para você ser feliz...

E quando você errar o caminho, recomece,

Pois assim você descobrirá que ser feliz

Não é ter uma vida perfeita,

Mas usar as lágrimas para irrigar a tolerância

Usar as perdas para refinar a paciência

Usar as falhas para lapidar o prazer

Usar os obstáculos para abrir as janelas da  
inteligência.





Jamais desista de si mesmo.  
Jamais desista das pessoas que você ama.  
Jamais desista de ser feliz,  
Pois a vida é um obstáculo imperdível  
Ainda que se apresentem  
Dezenas de factores  
A demonstrarem o contrário.”

*G. Manangão*

## Estátua

A tarde cai  
E a gente que vem das ruas  
dar à Praça  
para de repente.  
À frente...  
há gente e mais gente,  
que sempre por ali passou,  
livremente!  
Hoje algo a impede  
e não passa!  
Em pedestal, no meio da praça,  
olhar trémulo de mil medos,  
sem que alguém lhe dê esperança,  
está uma estátua  
pintada até à ponta dos seus dedos,  
imóvel...  
de pé...  
que chora,  
como uma criança!

*M. Lages*

## Oração

Que fazes Tu pregado nessa Cruz  
Senhor cansado e de olhar triste?  
No mundo ainda há, eu sei que existe,  
Quem acredite em Ti meu bom Jesus.

Desce daí, Senhor, acende a luz  
Que o Teu olhar derrama e insiste,  
Pois a esperança na Terra existe,  
Nessa lição de vida que seduz.

Dá-nos Tua mão, Senhor, com paciência  
Renova em todos essa inocência  
Do princípio do mundo que criaste.

Não abandones quem é Teu irmão  
Enche de paz o nosso coração,  
Pois foi por nós que Tu ressuscitaste!

*Manuela Salgueiro*

## Palavras Soltas e Ressonâncias do Ecos/Silêncio/Saudação

Os ecos, que o último **Ecos** me provocou, levam-me a reflectir um pouco com os e as dignas academistas da nossa **Academia de Saberes**.

Ora, se os ecos são, segundo os dicionários, repetição de sons ou reflexões de ondas sonoras que embatem em corpos sólidos e que, por analogia, podem embater em mim, eu prometo tentar que os meus, mesmo que traduzidos ou vertidos ou transformados em palavras, tenham a preocupação de não perturbar muito a tolerância de quem os ler. Há, se necessário for, sistemas de silenciar os meus ecos que não o **Ecos**, porque os deste devem ser cada vez mais sonoros e, se possível, serem como os ecos do Castelo de Simonete, perto de Milão, que, contam os ilustrados, se repetem quarenta vezes. Por outro lado, há também os ecos especialmente em áreas fechadas como Igrejas e outros, que põem problemas aos técnicos para a sua supressão, tal é a confusão de sons que se cruzam no seu espaço e que limitam a nossa audição e compreensão, que é o contrário do que se pretende e está no projecto e vida do nosso **Ecos**, com a sua comunicação.

Enquanto os ecos do Castelo de Simonete são de bons cumprimentos de onda de boa qualidade sem perturbar o nosso ouvido, outros há em que talvez as barreiras, como do cimento armado, lhes dêem orientações diversas, tornando-os em emaranhados de sons, já sem cumprimentos de onda, mas com cumprimentos, larguras e alturas, inaudíveis no sentido da compreensão, e que nos recomendam a que nos livremos deles.

Como estes meus?

Vejam então, caros académicos, que não há bem sem mal, ou bom sem mau, como já algumas vezes me ouviram dizer.

Posso continuar?

Quem cala consente e, à moda dos nossos políticos, como ninguém se pronunciou (!!!...), vou um pouco mais além sobre o título das minhas reflexões.

Isto para não fazer como o outro que ficou pelo preâmbulo da sua alocução e, não se lembrando já da substância que queria analisar, terminou a sua retórica, no que foi muito aplaudido. Por alguns, porque se calou; por outros, porque o preâmbulo tinha em si substância suficiente para uma boa digestão dos conceitos enunciados e que era necessário saborear devidamente, como a boa comida que nunca deve ser em excesso para ser bem apreciada. E lá vou eu a correr para os lados,





sem me concentrar no que penso partilhar convosco...

Se é certo que o ditado do filósofo diz: *fala se o teu silêncio não for melhor do que a tua palavra* (não me refiro às palavras ou falas de pôr no lixo, que essas não passam de exercício de retórica de trazer por casa, como eu costume dizer e algumas academistas já me ouviram), mas àquelas que, uma vez pronunciadas, nos tornam escravos das mesmas.

Diz também a mesma filosofia que o homem é dono do seu pensamento, da sua liberdade interior, da sua intimidade, da sua privacidade mas que, ao contrário, é escravo da sua palavra que pode não ser bem entendida e que tem que justificar pela vida fora. Tem de correr atrás dela, pois a sua pronúncia pode levar mesmo à perda da liberdade. Tanta vez se constatou isso na audácia política em Estados autocráticos ou totalitários e mesmo nos que se dizem democráticos, mas em que a emissão de opinião é tanta vez seguida de perseguição se não física, pelo menos emocional ou mesmo mental.

Nestas, diz o ditado que *o silêncio é de ouro*, mas vem logo o seu contrário que diz que, *boca calada nem o diabo a entende* e que, *com os mudos o mundo não avança*. E esta heim?

Vamos ao assunto? Será que a nossa coordenadora, Directora Cacilda, permite mais palavras, talvez demasiado vãs?

Vou-lhe perguntar e já volto para avançar ou talvez para vos pedir desculpa do tempo que vos roubei, embora também me atreva a dizer que, se tivermos vontade de exercitar a nossa mente, qualquer coisa pode servir, até o que realmente não presta, porque nos obriga a pensar sobre a razão que terá assistido ao seu autor para o tempo que nos roubou. E esta reflexão, que cada um faz, também pode e deve ser considerada benéfica. E pode ser motivo e razão para procurar escarpelizar a motivação do **outro eu**, para vir, com argumentos aparentemente sem nexos, provocar o silêncio, silenciando-o e matando-o, dando-lhe outra vida! É necessário comer sardinha para se dar o devido valor à lagosta ou a outra delícia de que gostemos muito, para avaliar melhor o contraste entre o bom e o mau... E voltamos ao mesmo!!

Foram várias as reflexões neste **Ecos** sobre o silêncio: o das poetisas, o do cinema mudo, da comunicação mais ou menos mimética e outras, mas também surgiram os adeptos do anti silêncio com a saudação ou a mínima comunicação ritual, sem continuidade, como se do *simplex*, tão do gosto de alguma propaganda política do nosso tempo, se tratasse.

Ora, se não há nem pode haver ecos do silêncio, não se deve poder falar de silêncio com, ou em **Ecos**. Já o mesmo não se pode negar, criticar ou menosprezar, quanto à saudação. Podemos até considerá-la, como se disse, como um exercício de comunicação que pretendemos tenha bastantes ecos. A saudação, por mais banal que seja e que se reduza em si própria à sua expressão mais simples, não deixa de ser um acto ou gesto de respeito ou de simpatia para com o **outro eu**, com quem nos cruzamos.

O **outro eu** com quem nos cruzamos, com um simples bom dia, boa tarde ou boa noite, pode ser provocado num sentimento de partilha, que só por si origina ecos na sua mente.

Ecos e ecos bons que até podem fazer o nosso interlocutor, ou simples ouvinte da nossa saudação, **sentir-se mais eu consigo mesmo**.

Aquele, que nem sei quem é, saudou-me, logo eu existo! Vivo para aqui só e abandonado e, afinal, sou reconhecido como um semelhante por quem me saúda!

Bendita a saudação, arrenegado seja o silêncio! Enquanto aquela vivifica este é o nada, o **nihil**. Vamos, pois, saudar-nos todos, conhecidos ou não, que, com este gesto vivificamos, respeitamos o nosso próximo.

E agora remeto-me ao silêncio antes que mo imponham. A culpa não foi minha. Fui provocado pelos ecos bonitos do silêncio no nosso **Ecos** e foi no que deu!

Amorim Figueiredo  
(com ecofilia...)

## Ânsia de Infinito

Esta ânsia que tenho de viver,  
De concentrar o mundo nos meus braços;  
De amar mesmo que amar seja sofrer,  
De esquecer preconceitos, quebrar laços...

Esta ânsia do mundo percorrer,  
De viajar por todos os espaços;  
Sentir em cada búzio acontecer  
A poesia do mar e dos sargaços!

Esta ânsia sem fim que nada acalma,  
Ânsia de ser feliz, de ter na alma  
Uma razão de ser para o meu grito!

Esta ânsia que amarga e me deleita,  
Talvez seja saudade insatisfeita,  
Uma ânsia de Deus e de infinito!...

Maria Celeste



## Falência de Valores

Aproximamo-nos da Páscoa, período em que se celebra, pelos cristãos, a ressurreição de Jesus Cristo, filho de Deus, que teria sido enviado à terra para salvar a humanidade. Segundo a Bíblia, os dez Mandamentos teriam sido escritos originalmente por Deus em tábuas de pedra. Neles consta: não roubarás, não matarás, não levantarás falsos testemunhos, etc. Eles reflectem normas para a conduta humana, que não perspectivem somente o melhoramento do comportamento individual, mas também global, que visem a liberdade, fraternidade, com o objectivo de se construírem sociedades mais justas e igualitárias.

Será, portanto, um bom período (outros também o serão) para reflectirmos sobre muitos dos problemas que nos afectam, sejam eles de que índole forem. Focalizemo-nos neste:

Nós, os mais idosos, lembramo-nos, certamente, de que, antigamente, os nossos pensamentos, os actos, as palavras eram expiados com o olhar de Deus que nos seguia por todo o lado. Quando nos assaltava qualquer tentação, lá estava sempre o seu olhar, intimidando-nos a guardar observância aos preceitos morais e sociais que constituem a base da boa vivência.

Sabemos que estas nossas condutas, por vezes, eram pautadas mais pelo medo do castigo que pela adesão consciente e livremente assumida a valores, princípios e deveres. Embora não concordasse, reconheço que o método funcionava. Só que, à medida que a sociedade gradualmente está a deixar de ser religiosa e se secularizou, o temor a Deus – como referência e instrumento de regulação de comportamentos – desapareceu e até ao momento não se encontrou substituto à altura.

A enorme profusão de tratados e códigos sobre ética, deontologia, liberdade, cidadania, não conseguiu, até hoje, suprir a ausência do olhar e temor divinos.

Como consequência, é notória e chocante a facilidade com que desprezamos a observância de deveres, obrigações, regras, normas e prescrições. O despeito pelos outros e pelos seus direitos é galopante, a amoralidade cresce a olhos vistos, a corrosão do carácter avança como tsunami avassalador, impossível de deter. O que se passa na educação, na saúde, na justiça, etc, são exemplos disso.

Na educação, esqueceu-se que a sua essência é ensinar a respeitar aquilo que depois cada um deve fazer por livre e espontânea vontade. É contribuir, também, para a formação do nosso

carácter de rectidão, hombridade, nobreza, lhaneza e probidade, justiça, correcção, seriedade e verticalidade. Estes conceitos básicos são mais que importantes e sobre eles devemos reger os nossos comportamentos para regularmos todas as nossas áreas, sejam elas sociais, políticas ou económicas.

Ao invés disto, assiste-se todos os dias ao atropelo das normas instituídas com total desfaçatez e descaramento. As regras são alteradas (feridas) segundo as conveniências, porque é maior o benefício pelo seu desrespeito que a sanção (não existe) pela quebra do seu respeito. Assim, já não nos causa qualquer reacção ou surpresa quando se finge e mente em declarações e conferências de imprensa, seja para negar a autoria de actos condenáveis, seja ainda para clamar inocência. Casos há em que a desvergonha dos implicados aposta em comprovar que afinal a consciência não existe, que os outros não contam; na verdade, o carácter desses actores assenta na esperteza e na ideia de levar vantagem sobre tudo e sobre todos, deitando mão a todo o tipo de fraudes, mentiras, sandices e indignidades.

A justiça (entre outras) é o mostruário da realidade geral e envolvente. A corrosão do carácter é, no nosso país, incontestável. Estamos à mercê de gente que não o tem, sem alma, sem consciência, pautada pela recta intenção. O País transformou-se no monturo de pessoas desprovidas do sentido de obrigações humanas, sociais e cívicas. Somos marionetas nas suas mãos. A grande maioria de nós não conta para nada, a não ser para votar (apesar de tudo sou a favor) e ser manipulado ao sabor dos caprichos e jogos de interesses de “gente” que se diverte às nossas custas. De dia, quando o visado é uma estrela da nossa companhia, vêm as pressões à imprensa escrita para calar vozes incómodas e frontais que não se vergam (ou tentam) a mandantes. Outros colaboram.

À noite, as televisões competem entre si com programas que mostram bem o lamaçal onde chafurda o País. A rasteirice, a mediocridade, o aviltamento, a hipocrisia, a indiferença e o desamor à verdade, são hoje o fermento do novo carácter que se ergue por toda a parte.

Quando a sociedade nos trata assim, julgando apenas alguns pouco dignos de reconhecimento, está a criar uma escassez de respeito. Ora, a falta de respeito é tão ofensiva como um insulto directo e reveste-se das mais variadas formas (manipulação, desemprego, destituição das instituições públicas de saúde, previdência, educação, falta de responsabilidades sociais diante dos abismos das desigualdades, etc). Chamam a isto democracia





liberal. Dizem-nos que o problema não é só do País, é global. Esforçamo-nos por acreditar. Sendo assim, venham outros actores globais, com outro tipo de sistema político assente em novas bases sociais, com políticas equilibradas e solidárias. Nas décadas passadas, assistimos à falência dos modelos fascistas, comunistas, ultrapassados portanto. Mas este modelo Europeu, o da democracia liberal, está em crise e desajustado, ultrapassado e não vai resistir. Em causa estão os valores e direitos do homem. O sistema vigente tem de sofrer transformações. A não se verificar, somos uma Europa enferma, nada coesa, onde os países mais pequenos e a sua já débil saúde piorará; no nosso caso, anestesiado, apinhado de farsantes, aldrabões, a caminhar para a ruína e putrefacção. Por estranho que pareça, ou não, os seus arautos proclamam-se de ideais cristãos e a toda a hora invocam o nome de Deus. Hipocrisia, mentes corroídas, malignantes.

*Joe*

## Tempo

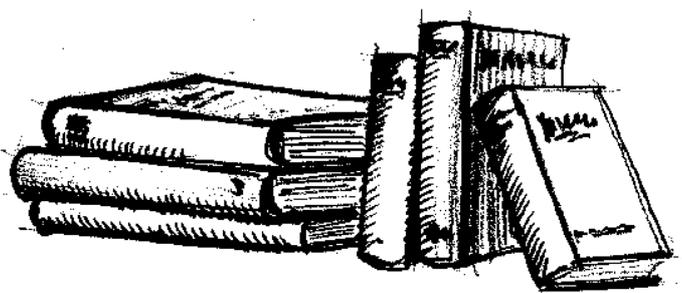
Teimosamente fugaz,  
Deixando para trás  
Pensamentos não concluídos,  
Sentimentos e emoções adiados,  
Desperdiçados, destruídos.  
Momentos não vividos!  
Amor, amizade, bondade,  
Compreensão, tolerância,  
Pelo mesmo relegados,  
Em prol dum viver acomodado  
Na vertigem do dia a dia desmesurado.

Vive-se com ele e para ele.  
E, por vezes,  
Quando nem o sonho permanece,  
Vive-se, unicamente, por ele...

Mas,  
Se o pensamento positivamente evoluir,  
E o sonho de novo surgir,  
Poder-se-á escamotear  
A “inexorabilidade do tempo”,  
Ao assimilar lições,  
Que reanimam o presente,  
Com os sentimentos e emoções  
Ignorados anteriormente.

E... momentos surgirão  
Vividos intensamente!

*Conceição Neiva*



## Egoísmo

É tão grande neste mundo o egoísmo  
Nesta era de vertigem, de fatura!  
Que se está elegendo o comodismo  
Como supremo bem, extrema ventura.

Os outros... Ai os outros, quem são eles  
Para virem perturbar o meu remanso?  
Vou agora deixar meus interesses  
Para pensar nos outros?  
Não sou tanso.

Enquanto eu existir não admito  
Que ninguém mais exista,  
Senão eu; está dito.  
Eu é que mando e posso  
Eu é que quero e grito.  
Os outros que se lixem.  
Bem me importo  
Que o velho esteja vivo  
Ou esteja morto!  
Não me chateiem  
Que eu expludo.  
Esta é a minha lei:  
Para mim só chega...Tudo.

Repartir?! O que é isso?  
Ceder? Mas com que fim?  
S' eu tenho a razão  
E tenho a força...  
Os outros é que têm  
De ceder p' ra mim.

Estão doentes? Que me importa...  
Têm frio? Que se danem.  
Estão sozinhos? Que se abanem!  
Não quero nem ouvir  
Falar nessa cambada.  
Só me importo comigo  
E com mais nada.

*Aida Viegas*





## Como um náufrago

À deriva,  
Sinto-me soçobrar  
Num turbilhão de sentimentos,  
Todos eles fortes, perturbadores,  
Prementes, contraditórios,  
Que me querem levar  
Para outros momentos.  
E... no mar de pensamentos,  
Debato-me entre ir ou ficar!

*Conceição Neiva*

“Nos teus olhos me afogo com doçura”

in “Os teus olhos” de Tito Olívio

## Afagos

Nos teus olhos me afogo com doçura  
E me lavo das dores e feridas  
Deixando para sempre arrependidas  
Lá longe tanta mágoa e tanta agrura.

Entrego corpo e alma aos teus cuidados,  
Que os acolhes e velas com carinhos,  
Tão sujos e cansados dos caminhos  
Que os meus pés nus deixaram lacerados.

Penteias meus cabelos já grisalhos  
Acalmas o meu peito esbaforido  
Abraças o meu corpo tão sofrido  
E deitas-me em lençóis frescos de orvalhos.

Passas-me os dedos finos pelo rosto  
Sussurras teu amor ao meu ouvido  
E, devagar, me sinto renascido  
Isento de qualquer culpa ou desgosto.

Por uma paz divina abençoado  
O mundo inteiro faz-se perfeição  
Só porque tu me dás a doce mão  
E eu sinto no meu corpo o teu colado.

*Domingos Cardoso*

## Postal da Neta Joana

(ao avô Cachim)

Querido avô

Tive uma aula que deve ser como às vezes é a tua porque pelo que me contas foi assim o professor logo que entrou deu-nos dez minutos para estarmos à vontade enquanto ele ia à direcção e logo que viesse começava a aula e para não fazermos barulho mas ele ainda não tinha saído da porta e já estávamos todas a falar umas com as outras porque cada uma queria falar primeiro e falava para o lado e se a amiga estava do outro lado da sala falava mais alto para se ouvir mas eu não consegui dizer nada que ela entendesse sobre um amigo que conheci no outro dia a jogar à bola porque eu jogo muito bem futebol pois saio a ti falavamos todas muito depressa mas estivemos sempre sentadas ou em pé mas nos nossos lugares quando ele apareceu ainda continuamos a falar porque ninguém o viu só quando ele disse meninas então meninas é que ficamos mais quietas mas mesmo assim ainda nos mexíamos muito e foi um sarilho grande porque teve que nos chamar outra vez a atenção para ficarmos mais quietinhas até me parece que a diferença entre as tuas aulas e as minhas é que vocês devem ser mais obedientes porque já são maiores hoje não quero dizer mais nada mas quando estiver com o meu professor vou-lhe dizer que as aulas do meu avô também às vezes são como as nossas

Joana

Já me esquecia a aula era sobre um passeio que fizemos à serra do Buçaco onde houve uma guerra que ganhamos aos franceses porque eles desistiram porque estavam a levar muita pancada e foram-se embora

Joana





## Centelha Divina

Nós somos neste mundo um grão de areia,  
Pó de estrelas lançado pelo chão;  
Somos um número a mais na imensa teia  
Que a vida vai tecendo em sua mão!

Nós somos como búzios de eleição  
Que o mar lança na praia em maré cheia;  
Somos versos dispersos de canção,  
Chama que o vento aviva e incendeia!

Porém é um milagre a nossa Vida  
Pois cada um é único e diferente,  
Talvez rasto de estrela já perdida...

Há uma aura em nós que nos domina  
E no fundo da alma, inconsciente,  
Existe uma centelha que é divina!...

*Maria Celeste*

## As nossas leituras

*Anibaleitor* de Rui Zink

### Prazer sem desprazer

*Anibaleitor* é um livro com objectivos didácticos, uma lição sobre o prazer da leitura. Rui Zink utiliza as técnicas apropriadas para captar o interesse dos jovens (e também dos menos jovens): história curta de acção e aventuras, narrada por um rapazola de quinze anos, linguagem coloquial, descontraída, muito diálogo, recurso ao absurdo e à ironia. A páginas tantas, o narrador adolescente é engolido por uma onda e, vá-se lá saber como, acorda entre livros e ossos na caverna de *Anibaleitor*. Temos, pois, uma ilha perdida *nos confins do mundo* e nela uma *desmesurada criatura* e um *fedelho* que em breve se tornam mentor e discípulo. E assim começa uma nova viagem, desta feita sem perigo de naufrágio, pelas encantatórias águas da literatura. Da Bíblia a Bocage; de Camões a Pessoa; de Garrett a Ferreira Gomes; de Cardoso Pires a Aquilino Ribeiro; da canção de Rui Reininho ao poema visual de Ana Hatherly. Et cetera. Et cetera. Porque um livro sempre conduz a outros livros e *com eles dialoga*.

Rui Zink prolonga a sua aula, não quer *ser despachado*. Num tom leve, colorido, com muitas pinceladas de humor, leva-nos a reflectir sobre o que é a leitura: *uma viagem sem limites; um encontro entre duas vozes, ou entre duas peças imperfeitas que se podem completar na perfeição*.

Mas *Anibaleitor* não se fica pela viagem literária. Há na novela uma insólita história de amizade. E há também uma crítica à sociedade actual: *Já ninguém lê. É só televisão, internet e o diabo a sete*. Todos parados em frente de *uma parede falante, feitos basbaques, sem pensar*.

Apesar de crítico, Rui Zink está longe do pessimismo de Ray Bradbury no seu famoso romance *Fahrenheit 451*. Rui Zink acredita que é possível reavivar o gosto pelos livros. Como professor e como escritor, responsabilidade não lhe falta.

*Anibaleitor*. Estranho título este. Mas acreditem, não se trata de uma piada política. E mais não digo. Querem mesmo saber? Façam o favor de ler o livro.

*Helena*

## O Anibaleitor

Com o pretexto de uma aventura marítima, absolutamente *mirabolanca*, Rui Zink dá-nos uma grande lição sobre a leitura, servindo-se de *Anibaleitor*, um animal-monstro, talvez porque alguns considerem a sabedoria um monstro, ou quem prefere o documento escrito ao digital também o possa ser.

E é por meio deste *Anibaleitor*, que o autor, depois de abordar os vários tipos de livros, não só quanto ao tema, como quanto à forma, nos mostra: como penetrar na leitura de um livro e atingir o convívio com a mensagem; como aprender a gostar daquilo que antes parecia intragável; como apreciar um livro nas duas vertentes (do conteúdo e da forma) e como fazer a devida selecção.

Este animal-leitor, viciado no ler, aborda também o texto poético de que se pode gostar, sem se perceber, realçando o valor da estética na escrita, pois diz que o livro vale tanto pelo que diz como pela forma como o diz. Mostra mesmo que, como no amor, tudo é perfeito no objecto amado e, por isso, se deve amar o livro e insistir, insistir, porque só praticando muito, conseguiremos gostar de ler e tornar-nos mesmo livres por meio da leitura. Todavia, vai dizendo que o sonho é tão importante como a realidade.





Impossível resumir num pequeno trabalho todos os ensinamentos que se podem colher neste livrinho.

Há também muitas dicas sobre a maneira de encontrar a palavra certa, como o texto deve nascer do nosso próprio interior e como deve ter a marca de quem o concebeu e escreveu, atestando a sua própria identidade.

Este livro termina, talvez, de um modo um pouco desconcertante. O Anibaleitor é preso e condenado. Por ser um animal sábio? Ou será um grande leitor sábio tão incómodo que é preciso eliminar, ou pelo menos silenciar?

Parece-nos que cada um de nós poderá tirar a sua própria conclusão.

*Rosinda de Oliveira*

## Generalidades

### Frases

As que eu li, ouvi e não só:

**“A sorte só vem depois do trabalho.”**  
**“Só no dicionário é que a sorte está antes do trabalho.”**

E por falar de trabalho, também li um provérbio hebraico que diz:

**“Quando Deus já estava muito cansado inventou a mãe.”**

**“Os trabalhadores exaustos deploram os seus direitos perdidos.”**

**“Nunca aceitarei qualquer tirania.”**

De Urbano Tavares Rodrigues em:  
 Os Meus Desejos para o Ano Novo – 2008  
 E em: Poemas de Toda a Vida - 2008

**“Restavam as palavras. Nelas ia morar.”**  
**“A esperança, porém, era uma esperança resistente.”**

De Luísa Dacosta

**“A guerra parou por duas horas.”**

Incrível, até parece anedota! Mas **ouvi-a** na TV acerca duma dessas guerras árabes que estão a decorrer. E até se celebrou!

Fiquei a perguntar-me – e depois?  
 Oiça e leia as notícias e encontrará frases inimagináveis.

**“A terra tremeu no Algarve.”**  
 Justamente por causa do “tremeu” veio à minha mente o que tanto nos incomoda hoje em dia.

E, digo eu:

**“Tremem de frio os mal agasalhados.”**  
**“Tremem de fraqueza os mal alimentados.”**  
**“Tremem de raiva os muito zangados.”**  
**“Tremem de susto os que são atacados.”**  
**“Tremem, por certo sem saber porquê, os mais espoliados.”**

A frase de Urbano Tavares, acima citada, está bem actual.

Alguém disse:

**“Acredito no valor das palavras.”**  
**“As palavras são muito fortes.”**  
 “E agora, para amenizar, leia e repare

**“Os meus olhos têm meninas,  
 essas meninas têm olhos.  
 Os olhos dessas meninas,  
 são meninas dos meus olhos.”**

Duas frases numa quadra. Quatro versos...e só dois **substantivos!**

Nota: Ficava grata se alguém me dissesse quem é o autor, não me lembro.

*Maria José Sampaio*

### Curiosidades

Os espelhos datam de tempos imemoriais. A princípio eram de metal combinado com estanho e cobre, depois empregou-se a prata. Plínio, notável escritor da antiguidade, diz que foi o célebre artista grego Praxíteles quem fez o primeiro espelho de prata. Também as lâminas de ouro foram usadas como espelho, porém mais como objecto de luxo do que de utilidade. Até que vieram os de vidro forrado de metal; depois, os actuais, que são também de vidro, mas cobertos por uma camada de mercúrio.

(in *Livro de Curiosidades* da Colecção Retalhos - coligidas por Lindonor)

### O Espelho

Miro-me no espelho...  
 E o que é que vejo?!  
 Uma carantonha  
 Que eu não invejo!

Sou muito mais nova,  
 Magra e atraente,  
 Que o rosto no espelho  
 Mesmo à minha frente!





Que é feito dos espelhos  
De há trinta anos,  
P'ra onde se olhava  
Sem haver enganar?!  
Pois tudo mudou,  
Entende a mensagem:  
Espelhos como antes  
São uma miragem.

Assim, não te aflijas  
Se umas rugas vês,  
Pois já aprendi  
Os quês e os porquês.

O espelho é uma fraude!  
Serei sempre bela!  
E assim, vou mandá-lo  
Já... pela janela.

### Para que serve envelhecer?

*“... se conhecer e amar são uma e a mesma coisa, então o que acima de tudo dá significado às nossas vidas, orientação e simultaneamente sentido, é, de facto, o ideal de pensamento alargado. Com efeito, só ele nos permite... exortando-nos a sair de nós próprios para melhor nos conhecermos..., a conhecer e amar melhor os outros.”*

*É para isto que serve envelhecer. “Alargar os pontos de vista, aprender a amar a singularidade dos seres, como a das obras, e, quando esse amor é intenso, viver, por vezes, a abolição do tempo que a sua presença nos oferece... conseguimos assim libertar-nos da tirania do passado e do futuro, para habitar este presente, enfim, desculpabilizado e sereno.”*

(in Aprender a Viver, Luc Ferry)

É, sem dúvida, por isso, que aqui estamos a partilhar os nossos saberes, depois de uma vida de trabalho, ainda ansiosos por dar e receber.

Ser velho é ter perdido a jovialidade, viver do passado, não esperar o amanhã. Mas ser idoso é diferente. O idoso tem idade, uma graça que lhe foi dada, mas ainda se levanta, cada dia, cheio de projectos e de esperanças. As suas rugas são o sinal da vida que lhe foi dado viver, para quê pensar nelas?

Nós somos, essencialmente, o que sentimos e, por isso, podemos dar-nos ao luxo de olhar para o espelho e ver, reflectida nele, a imagem que nós queremos ver...

Lindonor

## A hora do conto

### O Calanchais

A estada na aldeia não obedecia a outro calendário que o da sua caprichosa vontade, - se é que nele havia uma consciente vontade. Ele aparecia sempre, de súbito, quando inexplicáveis impulsos o determinavam a regressar à terra em que sempre se acolhera, recebendo na generalidade das casas, um pouco do que ali se cozinhava: uma malga de caldo com um naco de pão, e depois um pouco de arroz ou batatas com carne de porco; ou miudezas de porco, um pedaço de toucinho. Em alguns momentos, lá vinha também um púcaro de vinho.

Aparecia, sem que alguém anotasse a sua chegada, por vezes enrolado na roupa com que tinha partido, dois ou três meses antes, a barba de longos meses, cabelo despenteado, de comprimento irregular, de um preto ainda retinto, a sair das abas de um chapéu de cor muito esbatida, roto em vários pontos da copa. Instalava-se, na aldeia, no edifício do forno comunitário, acompanhado da manta de papa, de lã, calças amarradas por um cordel.

Por cima da camisa, já sem colarinho, um velho casaco de burel, enfiado apenas numa das mangas dava-lhe um aspecto surrealista de desleixo, acentuado pelas botas sem atacadores, de um qualquer falecido que a viúva, para alívio da alma daquele, lhe dera, na passagem pela soleira da porta. Um saco e uma estaca de pau faziam o seu adereço de entre palhaço e duende.

Estivesse ou não na aldeia, quando os filhos pequenos recusavam comer, as mães, com uma cara de todos os medos, anunciavam-lhes que iam chamar o Calanchais para os meter no saco e os levar.

A alusão ao saco incutia na criança o receio de qualquer coisa má. E dito com aquela cara intimidativa, pintava a cena negra, mais negra que o breu profundo e espesso da noite. A imagem do saco era pior que o espectro da prisão, porque, uma vez dentro do saco, um saco vazio sem espaço, a criança pressentia que dele não poderia escapar. Era levado para onde só o mal podia acontecer. A ameaça de chamar o Calanchais, um homem com um saco vazio e um nome estranho, produzia o efeito de tudo o que fosse mau, mesmo na criança que nunca o tinha visto. Após as primeiras alusões, com a carga intimidativa da expressão visual, bastava falar em Calanchais para a mãe obter o efeito pretendido.





Só anos mais tarde, as crianças, ao verem o anunciado Calanchais, se apercebiam da marotice da ameaça. Para os adolescentes, a vinda do Calanchais, até era bem recebida, pela jocosidade e graça dos seus inusitados ditos e da fantasia das suas histórias, lembrando um palhaço de algum desmembrado circo, que, por desavenças com a direção, tivesse sido abandonado.

Os miúdos, já espigadotes, procuravam-no, para se juntarem a ele nas viagens da sua imaginação que, puxada pelos miúdos, quase sempre terminava com uma história da sua noiva, naquelas terras fronteiriças.

- É a mais linda de todas as raianas - afirmava, como se fosse entrar em transe ou declamar uma poesia. Vive na capelinha da minha madrinha, a Sr<sup>a</sup> da Saúde, onde todos os dias, canta com o nascer do sol, para acordar os anjos que dormem nos ramos do grande castanheiro, implantado ao pé da capelinha. Ao fim da tarde, limpa a capelinha enquanto a Sr<sup>a</sup> da Saúde toma banho com os anjos, na água da mina, que adormece tépida, por baixo do castanheiro. A água da mina cheira a perfume de rosas e faz milagres. O castanheiro mergulha as raízes na água da mina e dá castanhas de ouro. A raiana fez um cordão das castanhas para a Sr<sup>a</sup> da Saúde, para levar pendurado no pescoço quando vai matar saudades nas visitas que na lua cheia faz à família.

E leva castanhas, muitas castanhas, de ouro, que se vêm à noite espalhadas em todo o céu, que até parecem estrelas.

- Oiça lá; o senhor já viu esse castanheiro? - perguntou um atrevido.

- Eu? Eu não, porque é proibido. Só a raiana. Só a raiana pode ver e tocar no castanheiro, porque é filha adoptiva da Sr<sup>a</sup> da Saúde. Quando eu for viver com a raiana, com a licença da minha madrinha, vou ver o castanheiro e a capelinha. E os anjos...

Vou trocar esta vara por uma de ouro. Quando casar, vou trazer a raiana comigo para vos dar castanhas... de ouro.

- Isso do castanheiro é mentira. Os castanheiros dão lá agora castanhas de ouro! - atirou zombeteiro um espigadote.

- Aquele dá... as que a minha madrinha quis. A raiana, até já comprou um sino e muitos relógios, tudo em ouro. O sino é o da capelinha. Os relógios, para os anjos, que assim sabem se fazem horas extra nos trabalhos da capelinha e na casa que andam a construir para a raiana.

Em ouro...

Sempre que os anjos vão lá acima - e apontava para o tecto do forno,

- levam sempre muitas rosas. Só rosas, nascidas na boca da mina.

- E relógios?

- Não levam relógios. Lá não há horas. Só séculos e mais séculos, da mansidão vazia de tempo, felizes...

- E a raiana?

- Dá-me um relógio, na véspera do casamento. Na hora que marcar, vou aprontar-me à porta da capelinha.

*J. Carreto Lages*

## Homenagem a Benilde Carvalho, Professora na nossa Academia, na sua terra Natal

(Mamarrosa, 3 de Abril de 2011)



Não é fácil descrever o que se passou, no dia 3 de Abril, na pequena freguesia de Mamarrosa, pois é tal a força de certos momentos que se tolhe a fala e aperta-se a garganta com a catadupa das emoções e sentimentos que, como vulcão impetuoso, tudo arrasta na superior dimensão do seu poder, fazendo submergir a avalanche das ideias que se toldam na mente e dos gestos e das palavras que se baralham e sufocam no coração.

Porque foi o que aconteceu na homenagem a Maria Benilde Rodrigues dos Santos Carvalho Oliveira, formadora da nossa Academia de Saberes. De todo o lado correu gente: novos, velhos, ricos, pobres, mais e menos cultos, crianças e adultos. Diziam tudo na sua numerosa presença: somos muitos e viemos da Mamarrosa e arredores, Bustos, Palhaça, Troviscal, Aguada e até de Aveiro. De toda a parte onde chegou a fama do valor desta grande senhora, desta grande mulher.





Por que seria? Que faria D. Benilde? Diz ela na grandeza da sua simplicidade: "Eu não fiz nada." Realmente não fez nada do que é espalhafatoso, banal, fútil e leviano. Pelo contrário, tudo tem feito do que é grande e humano, do que é bom, belo, justo e verdadeiro, numa doação constante de amor e dedicação ao seu semelhante.

Como alguém então afirmou, esta senhora tem passado a vida ao serviço dos outros, pois com ela se torna realidade esta máxima de conduta: "Quem não vive para servir, não serve para viver."

Mas, afinal, concretamente qual é a acção de D. Benilde?

Com 87 anos de idade, orienta cursos de bordados na Mamarrosa, Bustos, Palhaça, Troviscal, Aguada de Baixo e Academia de Saberes de Aveiro, ajudando a construir verdadeiras obras de arte em filigrana de linha e fantasia.

Colabora diariamente na cantina da escola e no ATL – Mamarrosa, com trabalho, mimos e carinhos que a pequenada regateia entre si, chamando-lhe avó Benilde.



Tem a seu cargo toda a catequese da paróquia, dirigindo ela própria dois cursos.

Anda sempre num rodopio com reuniões, com jovens e crianças, asseio e arranjo da igreja. Tem a casa sempre aberta a todos e para tudo o que precisarem, pois cede apetrechos, faz bolos e comida para graúdos e miúdos nas associações e participa nas actividades socioculturais da freguesia: dança, canta, representa.

É imparável, parece desdobrar-se em energia, com missas, orações e ainda no trabalho agrícola do quintal. Um autêntico prodígio!

Impossível descrever a acção desta força do Altíssimo, no seu dizer.



Foi, por isto, o dia 3 de Abril um dia grande e feliz para a Mamarrosa e, em especial, para o concelho de Oliveira do Bairro, cuja edilidade superior fez questão de estar presente, bem como a Junta de Freguesia da Mamarrosa.

Aliás, D. Benilde, que merece todas as honrarias, tem a medalha de Mérito municipal - grau ouro, que a Câmara lhe atribuiu em 2004.

E o dia 3 de Abril de 2011 foi duplamente feliz e grande para a Mamarrosa, pois não só conseguiu promover esta homenagem (que foi extraordinária) a esta grande senhora, dando-a a conhecer como referência exemplar de vida e dedicação aos outros, mas também mostrar que a gratidão não deve ser um sentimento vão no coração dos que nos rodeiam.

Resta acrescentar que a Academia de Saberes de Aveiro esteve bem representada com um bom grupo de senhoras, acompanhadas pelo nosso ilustre Director, Dr. António Coutinho Dias, deixando à homenageada uma lembrança apropriada ao evento.

*Rosinda de Oliveira*

## Agradecimento

A área de Comunicação, neste período de aulas, beneficiou da colaboração de dois convidados: Prof. Doutor Manuel Alte da Veiga e Mestre Dr. Amorim Figueiredo que partilharam os seus vastos conhecimentos num discurso apelativo e recheado de saberes. A ambos, as turmas de Comunicação 1 e 2 deixam um profundo agradecimento, esperando que continuem a querer estar connosco em futuras oportunidades.

*Área de Comunicação*

